

SURPREENDIDO PELA  
**ESPERANÇA**

N. T. WRIGHT

SURPREENDIDO PELA  
**ESPERANÇA**

TRADUZIDO POR JORGE CAMARGO



**Editora Ultimato**  
Viçosa, MG

SURPREENDIDO PELA ESPERANÇA  
Categoria: Vida Cristã / Teologia / Apologética

---

Copyright © Nicholas Thomas Wright, 2007  
Publicado originalmente por Society for Promoting Christian Knowledge,  
London, England.  
Título original em inglês: *Surprised by Hope*

*Primeira edição:* Dezembro de 2009  
*Coordenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Tradução:* Jorge Camargo  
*Preparação e revisão:* Heloisa Wey Neves Lima  
*Colaboração:* Paula Mazzini Mendes  
*Capa:* Ale Gustavo

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e  
Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

W952s Wright, N.T., 1948-  
2009 Surpreendido pela esperança / N.T. Wright ; tradução de  
Jorge Camargo. — Viçosa, MG : Ultimato, 2009.  
320p.; 23cm.  
Título original: *Surprised by Hope*  
ISBN 978-85-7779-034-0  
1. Escatologia. 2. Salvação (Teologia). 3. Política I. Título.  
CDD 22.ed. 236

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS  
EDITORA ULTIMATO LTDA.  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557  
www.ultimato.com.br

# SUMÁRIO

Prefácio	7
PARTE 1 — PREPARANDO O CENÁRIO	
1. Vestidos e arrumados, mas sem ter aonde ir	13
2. Confusão sobre o paraíso	29
3. A esperança cristã primitiva em seu contexto histórico	49
4. A estranha história da Páscoa	69
PARTE 2 — O PLANO FUTURO DE DEUS	
5. Futuro cósmico: progresso ou desesperança?	95
6. O que o mundo inteiro aguarda	109
7. Jesus, o céu e a nova criação	125
8. Quando ele se manifestar	141
9. Jesus, o juiz prometido	155
10. A redenção de nossos corpos	163
11. Purgatório, paraíso, inferno	181
PARTE 3 — A ESPERANÇA NA PRÁTICA: A RESSURREIÇÃO E A MISSÃO DA IGREJA	
12. Repensando a salvação: o céu, a terra e o reino de Deus	205
13. Construindo em prol do reino	221
14. Remodelando a igreja para a missão (1): raízes bíblicas	247
15. Remodelando a igreja para a missão (2): vivendo o futuro	269
Apêndice: Dois sermões de Páscoa	305
Notas	310

À GRATA MEMÓRIA DE  
*Stephen Neill, George Caird e Charlie Moule,*  
*mestres, estudiosos, pastores e amigos,*  
*na esperança segura e certa da ressurreição dos mortos.*

## PREFÁCIO

O que estamos esperando? E o que faremos enquanto isso?

Estas são as duas perguntas que moldam este livro. Primeiro, ele fala da esperança futura final contida no evangelho cristão, ou seja, esperança por “salvação”, “ressurreição”, “vida eterna” e todas as outras coisas que as acompanham. Segundo, trata da descoberta da esperança no mundo presente: as maneiras práticas pelas quais a esperança pode ressurgir em comunidades e indivíduos, seja qual for a razão para a falta dela. Além disso, este livro fala sobre como a opção pela primeira pode – e deve – gerar e sustentar a segunda.

Tenho observado que a maioria das pessoas – inclusive muitos cristãos – não tem ideia do que seja a verdadeira esperança cristã futura. Muitos – de novo, muitos cristãos, infelizmente – nem esperam que os cristãos tenham algo a dizer sobre esperança no mundo presente. Não conseguem perceber como ambas estão relacionadas. Daí o título do livro: a esperança surge como uma surpresa, em vários níveis de uma vez.

No primeiro nível, *Surpreendido pela Esperança* fala sobre a morte e o que pode ser dito, numa perspectiva cristã, sobre o que vem depois dela. Não pretendo fazer uma análise da morte e suas consequências em termos físicos ou médicos, nem uma descrição psicológica ou antropológica das crenças e práticas relacionadas a ela. Há uma grande quantidade de livros sobre esse assunto. Minha abordagem do tema é a de um teólogo bíblico, que recorre a outras disciplinas quando

necessário, mas que espera suprir aquilo que lhes falta, o que a igreja também precisa recuperar: a resposta cristã clássica à questão da morte e do além, atualmente mais desconhecida que rejeitada, tanto pelo mundo quanto pela igreja. Uma pesquisa sobre vida após a morte realizada na Inglaterra em 1995 indicou que, embora a maioria das pessoas acreditasse em algum tipo de vida após a morte, somente uma pequena minoria, inclusive entre os frequentadores de igreja, cria na posição cristã clássica da ressurreição corpórea futura.

Embora muitos cristãos usem a palavra “ressurreição”, eles a consideram sinônimo de “vida após a morte” ou de “ir para o céu”, e, quando pressionados, admitem a mesma confusão que o resto do mundo. E alguns autores cristãos, ao tocar no tema da morte, evitam falar de ressurreição e tudo que ela implica, aparentemente sem imaginar que isso pode provocar danos.

Antes de prosseguir, preciso fazer uma ressalva. Talvez eu não seja a pessoa mais indicada para falar sobre morte; afinal, estou com quase 60 anos e, com essa idade, sou a pessoa menos enlutada que conheço. Não fui atingido por tragédias e quase todos os meus parentes têm tido uma vida longa. Reconheço que isso não é comum e me sinto especialmente grato por tal privilégio. Além disso, embora tenha sido ordenado há quase trinta anos, minha vocação levou-me a desenvolver um ministério mais voltado para as universidades, de um lado, e para o trabalho na catedral e na diocese, de outro, de modo que officiei menos funerais e cultos *in memoriam* em toda a minha vida do que a maioria de meus colegas em seus primeiros dois ou três anos de atividade ministerial. Estive poucas vezes à beira de um leito de morte. No entanto, embora tenha muito a aprender sobre essas questões, procurei compensar essa deficiência como poucos têm a chance de fazer: mergulhando na vida e no pensamento dos primeiros cristãos.<sup>1</sup> Ao fazer isso, percebi que a voz deles não tem sido desprezada — ela simplesmente não tem sido ouvida. Assim, meu objetivo ao escrever este livro é trazer de volta as crenças dos cristãos primitivos, convicto de que eles oferecem não apenas a melhor esperança, mas também a mais bem *fundamentada*, que é uma esperança que nos une à esperança que motiva nosso trabalho em prol do reino de Deus aqui e agora.

No segundo nível, então, *Surpreendido pela Esperança* trata da fundamentação da teologia prática e até mesmo política, ou seja, oferece uma reflexão cristã sobre a natureza da tarefa que assumimos ao buscar trazer o reino de Deus ao mundo real e sofrido em que vivemos. (Peço desculpas aos bibliotecários pela confusão que isso talvez cause: este livro deve ser catalogado em “escatologia” (morte, julgamento, céu e inferno) ou “política”?) Aqui, também, cabe uma ressalva. Não sou político, embora seja membro do Parlamento Britânico por conta de minha função. Nunca disputei um cargo público nem participei ativamente de nenhuma campanha em favor de muitas causas que considero válidas – no sentido de discursar, escrever artigos ou participar de passeatas e protestos. Tenho procurado me envolver de outras formas. No entanto, cresce em mim a convicção de que os assuntos nos quais tenho me especializado e as situações pastorais que tenho enfrentado todos os dias nas igrejas de minha diocese, muitas das quais têm sofrido severamente por causa das crueldades anônimas dos últimos 50 anos, nos desafiam a refletir sobre o que os cristãos deveriam estar dizendo e pensando sobre a redescoberta da esperança no mundo público e político. Ao fazer isso, pude notar que as duas dimensões da esperança aparecem juntas repetidas vezes. Entrego aos críticos essas duas ressalvas – minha inexperiência com o sofrimento e com a política – e espero que a descoberta da esperança cristã futura e presente estimule e renove os que trabalham, melhor do que eu, tanto com os que estão morrendo quanto com os desamparados.

Apenas mais uma observação. As palavras usadas para descrever o futuro, como qualquer economista ou político pode atestar, são como placas sinalizando o caminho em meio à neblina. “Vemos como em espelho, obscuramente”, diz o apóstolo Paulo ao olhar para o que há de vir. Toda a linguagem sobre as condições futuras do mundo e de nós mesmos não passa de imagens complexas que podem ou não corresponder à realidade final. Isso não significa que se trata de especulação de alguém nem que qualquer opinião é tão boa quanto as demais. E se em meio à neblina aparecer alguém para nos indicar o caminho? Este, de fato, é o ponto central, embora frequentemente ignorado, da fé cristã.

Este livro é uma compilação de palestras proferidas originalmente na Abadia de Westminster, na Inglaterra, durante o ano de 2001. Algumas foram transformadas na Conferência de Stephenson, em Sheffield, na primavera de 2003; algumas foram apresentadas na igreja de Holy Trinity, em Guildford, também na primavera de 2003; outras foram transformadas na Conferência de Didsbury, no Nazarene College, em Manchester, em outubro de 2005. Algumas surgiram como fruto de estudos eclesiais na igreja de St. Andrew, em Charleston, na Carolina do Sul, em janeiro de 2005; na Igreja Episcopal St. Mark, em Jacksonville, na Flórida, em março de 2005; na igreja City, em Newcastle, também em 2005; no Centro Teológico St. Mark, em Canberra, em abril de 2006; em um sínodo de igrejas em Roanoke, na Virgínia, em março de 2007, e (como palestras de Faraday) em Cambridge, em maio de 2007. Sou profundamente grato a todos que me convidaram e me hospedaram em suas casas em cada uma dessas ocasiões, especialmente àqueles que, com suas perguntas e comentários argutos, têm me ajudado a pensar nessas questões, evitando assim alguns erros. Agradeço ao site Ship of Fools por ter me autorizado a usar o texto que incluí no apêndice, com pequenas modificações. Agradeço também a Nick Perrin, por suas sugestões sempre bem-vindas e pela ajuda na preparação dos textos durante o tempo em que serviu na Abadia de Westminster. Por fim, agradeço, como sempre, a Simon Kingston, Joanna Moriarty e à dedicada e vigorosa equipe da SPCK.

N. T. WRIGHT  
Auckland Castle

PARTE 1

PREPARANDO O CENÁRIO

## VESTIDOS E ARRUMADOS, MAS SEM TER AONDE IR

Cinco imagens preparam o cenário para o tema deste livro. A primeira, corresponde a um fato ocorrido no outono de 1997, quando a Inglaterra mergulhou em uma semana de luto nacional pela morte da princesa Diana, culminando com o extraordinário culto fúnebre na abadia de Westminster. Pessoas de todo o país e de várias partes do mundo levaram flores, ursinhos de pelúcia e outros objetos às igrejas, catedrais e prefeituras, enfrentando longas filas para deixar mensagens tocantes, e por vezes constrangedoras, nos livros de condolências. Outras manifestações públicas de tristeza, talvez um pouco menores, ocorreram em 1989, na tragédia de Hillsborough (quando muitos torcedores morreram pisoteados) e em 1995, no atentado a bomba na cidade de Oklahoma. Todas essas situações revelam uma mistura de crenças, suposições, emoções e superstições sobre o destino dos mortos. A reação das igrejas mostrou o quanto temos nos afastado da crença cristã tradicional sobre o assunto.

A segunda imagem envolve uma situação absurda, porém com graves implicações. Em 1999, despertei certa manhã e ouvi no rádio a notícia de que uma figura pública havia sido demitida por declarações heréticas sobre a vida após a morte. Procurei ansiosamente por mais detalhes. Algum bispo ou teólogo radical teria sido desmascarado? Não! As declarações eram de um técnico de futebol! Glenn Hoddle, o dirigente da seleção inglesa, havia confessado publicamente sua crença na reencarnação, pela qual os pecados cometidos numa encarnação seriam punidos com deficiências na próxima. Representantes de deficientes físicos manifestaram forte oposição, e Hoddle foi despedido. Este episódio revelou na ocasião quanto a ideia de reencarnação estava se tornando popular na Inglaterra, e seria muito estranho se os hindus (muitos dos quais sustentam crenças semelhantes) fossem proibidos de treinar a seleção nacional.

A terceira imagem não é algo inusitado. A cena é facilmente identificável. Alguns carros se aproximam em baixa velocidade e param diante de um antigo edifício na periferia da cidade. Vinte ou trinta pessoas descem dos carros e entram no prédio. Ao fundo, ouve-se uma suave melodia tocada em um órgão eletrônico de som metálico. Alguém diz algumas palavras. Um botão é pressionado por um senhor de olhar solene. Em seguida, todos se retiram e vão para suas casas tomar uma xícara de chá e refletir sobre o significado de tudo aquilo. A cerimônia de cremação, praticamente desconhecida no Reino Unido cem anos atrás, é hoje a preferida da grande maioria. Essa escolha reflete algumas mudanças de atitude sutis, porém de grandes proporções, em relação à morte e tudo o que vem depois.

O texto com a descrição dessas três cenas foi escrito no início de 2001. Na segunda metade desse ano presenciamos um quarto momento, bastante conhecido, porém muito trágico e extremamente difícil de descrever. Os eventos ocorridos em 11 de setembro de 2001 ficarão gravados para sempre na memória global; as milhares de pessoas que morreram e as dezenas de milhares que sofreram perdas evocam nosso amor e nossas orações. Não direi muito mais sobre esse dia, mas para muitas pessoas ele suscitou mais uma vez, muito nitidamente, as questões que procuramos discutir neste livro. Os três “desastres naturais”

gigantescos de 2004 e 2005 trouxeram de volta essas mesmas questões: o *tsunami* asiático logo após o Natal de 2004; os ciclones na costa do Golfo, nos Estados Unidos, em agosto de 2005, provocando grande devastação na região de Nova Orleans, e o terrível terremoto que atingiu o Paquistão e a região de Cashemira, em outubro do mesmo ano.

A quinta imagem é a de um tipo diferente de cemitério. Se você for à vila histórica de Easington, no condado de Durham, e descer a colina em direção ao mar, chegará à uma cidade chamada Easington Colliery. O nome da cidade ainda se refere ao tipo de atividade praticada naquele local [*colliery*: mina de carvão, em inglês], mas atualmente não há mais minas de carvão ali. No lugar da mina, onde milhares de pessoas trabalhavam e produziam carvão com maior rapidez e eficiência que na maioria das outras, hoje há um terreno plano coberto de grama. Vazio para os olhos, porém grávido de luto. Por toda parte, a despeito do esforço heróico dos líderes locais, há sinais da destruição pós-industrial, fruto das disputas de poder de outras pessoas. Essa imagem permanece em minha mente como um símbolo, ou antes, como uma pergunta simbólica. Há alguma esperança para as comunidades que perderam seu rumo, seu estilo de vida, sua coerência, sua *esperança*?<sup>1</sup>

Este livro aborda duas questões que têm sido frequentemente tratadas de modo distinto, mas que a meu ver estão intimamente ligadas. Qual é a esperança suprema do cristão? Há esperança de mudança, de resgate, de transformação, de novas possibilidades no presente? A resposta a essas perguntas precisa levar em conta o seguinte: enquanto entendermos que a “esperança cristã” é “ir para o céu”, e que a “salvação” é algo essencialmente *distante* deste mundo, as duas perguntas parecerão inevitavelmente inconciliáveis. De fato, alguns insistem que responder à segunda pergunta é ignorar a primeira, que é o que realmente importa. Outros, por sua vez, ficam irados quando as pessoas falam de ressurreição, como se isso estivesse desviando a atenção dos assuntos realmente importantes e urgentes no mundo presente. No entanto, se a “esperança cristã” é para a nova criação de Deus, para “novos céus e nova terra” – e se essa esperança já se

manifestou na vida de Jesus de Nazaré — então estamos certos ao unir as duas perguntas. E se de fato é assim, constatamos que as respostas estão também relacionadas. Muitas pessoas — inclusive muitos cristãos — se surpreendem ao perceber que a esperança cristã é diferente do que imaginam, e que essa mesma esperança oferece uma base firme e estimulante para desempenharmos nosso papel no mundo atual.

Assim, no primeiro capítulo deste livro procurei preparar o cenário e levantar algumas questões ao analisar a confusão do mundo atual — o mundo no sentido mais abrangente, fora dos limites da igreja — sobre a vida após a morte. No segundo capítulo, volto minha atenção para a igreja, onde me parece que há uma incerteza semelhante e preocupante, ressaltando as perguntas-chave e sugerindo algumas formas de respondê-las.

Estou cada vez mais convencido de que a maioria das pessoas, incluindo a maior parte dos cristãos praticantes, se sente confusa e desorientada quanto a estas questões, o que induz a graves erros na maneira de pensar e de orar, nas liturgias, na prática da vida cristã e em especial, na forma de entender nossa missão no mundo. Além disso, como indicam os exemplos citados no começo desse capítulo, o mundo não-cristão, ao menos no Ocidente, não só se sente confuso sobre suas próprias crenças, como também em relação às crenças que imaginam que os cristãos deveriam ter. Em geral, as pessoas supõem que os cristãos creem numa “vida após a morte” no sentido genérico, e não imaginam como as noções mais específicas sobre ressurreição, juízo, segunda vinda de Cristo e outras se encaixam nesse sistema de crenças, nem como se relacionam com os interesses urgentes do mundo real.

A questão não é simplesmente estabelecer o que devemos crer em relação a alguém que morreu, ou sobre o nosso provável destino pós-morte, embora isso também seja importante. Trata-se de refletir seriamente sobre os propósitos de Deus para o mundo e o que ele tem feito nesse sentido, como parte desses propósitos. De Platão a Hegel, alguns dos mais importantes filósofos declararam que nossa crença sobre a morte e sobre o que vem depois é a principal razão para refletirmos seriamente sobre todas as outras coisas. Os teólogos cristãos deveriam incentivar esse tipo de reflexão.

Portanto, não adiaremos mais esse assunto e passaremos diretamente às discussões que ele tem provocado em todas as partes do mundo, especialmente fora dos muros da igreja.

### CONFUSÕES SOBRE A ESPERANÇA NO MUNDO INTEIRO

Há uma grande variedade de crenças sobre a morte e sobre o que vem depois. Uma rápida passada de olhos pelas religiões mais tradicionais desmente a velha ideia de que todas as religiões são basicamente iguais. Há uma enorme diferença entre o muçulmano que crê que um menino palestino morto por soldados israelenses vai direto para o céu, e o hindu, para quem o rigoroso esforço do *carma* significa que alguém deve retornar em um corpo diferente a fim de passar para o próximo estágio de seu destino. Há uma enorme diferença entre o judeu ortodoxo que crê que todos os justos ressuscitarão fisicamente para uma nova vida, e o budista que espera desaparecer, depois da morte, como uma gota no oceano, perdendo assim sua própria identidade no grande, desconhecido e amorfo Além.<sup>2</sup> Há ainda importantes variações entre diferentes ramificações ou escolas de pensamento dentro de cada uma dessas grandes religiões.

Portanto, há uma enorme variedade de crenças sobre a situação atual dos mortos. Em algumas regiões da África, há a crença de que os ancestrais desempenham um papel relevante na vida comunitária e familiar, com vários e complexos rituais visando buscar sua ajuda ou evitar que eles façam algum mal. Muitas destas crenças, como alguns leigos do Ocidente poderiam arrogantemente presumir, não estão restritas aos chamados “povos primitivos”. O antropólogo Nigel Barley conta como encontrou um colega japonês altamente qualificado que havia trabalhado com ele no Chade. Enquanto Barley ficou fascinado pelo “complicado sistema de adoração ancestral envolvendo ossos e a destruição do esqueleto e vários tipos de permuta entre mortos e vivos”, seu amigo japonês achou tudo aquilo uma grande bobagem. Barley comenta:

Por ser budista, ele evidentemente tinha um santuário na sala de sua casa, no qual eram oferecidas ofertas regulares aos seus ancestrais [...] Quando ele foi para a África, levou alguns ossos da perna de seu pai, cuidadosamente embrulhados em um tecido branco, para assegurar-lhe proteção durante o trabalho no campo. Para mim [Barley comenta], a adoração aos ancestrais era algo a ser detalhado e analisado. Para ele, a ausência de ligações entre os vivos e os mortos é que exigia uma série de explicações.<sup>3</sup>

Entretanto, tenho observado em meu próprio país a existência de uma variedade enorme de crenças e práticas reveladoras associadas à morte e à vida depois da morte. Suspeito que em nenhum momento a ortodoxia cristã sobre esse assunto tenha sido a crença geral da maioria das pessoas na Inglaterra. Já na época vitoriana havia uma profusão de crenças e intensos debates, com dúvidas sobre as questões de fé. A famosa pintura de Henry Alexander Bowler intitulada *The Doubt: Can These Dry Bones Live?* feita entre 1855/56, resume bem a questão. Nela, vemos uma jovem se curvando sobre a lápide de um certo John Faithful, que traz a seguinte inscrição: “Eu sou a ressurreição e a vida”. Na lápide ao lado está a palavra RESURGAM – “eu ressuscitarei” – comum em muitos túmulos da época. Vemos um cavalo alazão como que surgindo do túmulo, e uma borboleta, simbolizando a alma, pousada sobre uma caveira. As questões inquietantes e confusas suscitadas por essa imagem combinam com as perguntas contidas no grande poema de Tennyson, *In Memoriam*. No último poema de suas obras selecionadas, escrito em 1889, três anos antes de sua morte, é possível perceber, inicialmente, a influência da visão budista, para depois mudar de direção e terminar com um comentário cristão:

Pôr do sol e estrela da noite,  
Eis um chamado claro para mim!  
Talvez não haja lamentos na barreira  
Quando eu partir para o mar.

Mas quando essa maré  
Que sai do profundo sem limites,  
Plena de sons e espuma,  
Volta novamente para casa  
Parece adormecida ao se mover.

Crepúsculo e sino da noite,  
 Em seguida, a escuridão!  
 Talvez não haja tristeza, nem despedidas  
 Quando eu embarcar;

Pois embora do nosso riacho de Tempo e Lugar  
 A torrente possa me levar para longe,  
 Espero contemplar meu Piloto face a face  
 Quando aquela barreira eu tiver que cruzar.<sup>4</sup>

Compare esse texto, no entanto, com a visão mais notadamente ortodoxa de Rudyard Kipling, em um poema de 1892. Não sei o quanto ele acreditava realmente nisso, além do mais, trata-se de uma obra de arte, e não de teorias sobre a vida futura. Porém, suas ideias se baseiam claramente na crença cristã de que, após um período de descanso, haverá uma nova vida, em um novo corpo.

Quando a última tela for pintada e os tubos estiverem  
 Retorcidos e secos,  
 Quando as cores mais antigas tiverem desbotado, e o crítico mais  
 jovem tiver morrido,  
 Iremos descansar, e, fé, precisaremos disso – enquanto estivermos  
 deitados por um período longo ou dois,  
 Até que o Mestre de Todos os Bons Trabalhadores nos ponha  
 novamente para trabalhar.

E aqueles que foram bons ficarão felizes: eles se sentarão em uma  
 cadeira de ouro;  
 Eles espalharão tinta numa tela de dez léguas, com pincéis de crina  
 de cometas.  
 Encontrarão santos verdadeiros para inspirá-los – Madalena, Pedro  
 e Paulo;  
 Trabalharão durante uma era e nunca se cansarão!

E receberão elogios apenas do Mestre, e censuras somente do Mestre;  
 Ninguém trabalhará por dinheiro, ou para obter fama;  
 Mas pela alegria de trabalhar, e cada qual em sua estrela,  
 Desenhará tudo o que vê na forma como o Deus de todas as coisas  
 vê – Como elas realmente são!<sup>5</sup>

Essa variedade de crenças surgidas no final do século 19 teve forte influência, como veremos, nos hinos e orações da igreja.<sup>6</sup>

Voltando rapidamente aos poetas, vejamos o que Shakespeare tem a dizer sobre esse assunto. Em *Measure for Measure*, o duque se dirige ao condenado Cláudio, encorajando-o a encarar a morte. A vida em si mesma, ele diz, não vale muito, e a morte talvez seja igualmente boa:

O melhor descanso é o sono.  
E isso tu quase sempre incitas; no entanto, temes tanto  
Tua morte, que não é nada mais que isso. Tu não és tu mesmo;  
Pois existes em milhares de grãos  
Que surgem do pó. Feliz tu não és;  
Pois o que não tens, ainda lutas por obter,  
E o que tens, esqueces que tens... sejas rico, ou sejas pobre;  
Pois, como um jumento que se inclina sob o peso da carga,  
Tu carregas tuas pesadas riquezas apenas por uma jornada,  
E te livras delas com a morte... o que ainda resta  
Daquilo que chamas vida? Embora nesta vida  
Permaneçam ocultas milhares de mortes amargas, ainda assim  
tememos a morte,  
Que elimina todas as desigualdades.

Cláudio inicialmente parece concordar com esse argumento:

Agradeço-te humildemente.  
Ao suplicar por viver, descobri que busco morrer;  
E buscando a morte, encontrei a vida. Que ela venha.

Logo depois, no entanto, ao conversar com Isabella, que se dispõe a sacrificar sua própria honra para salvá-lo, Cláudio se vê diante de um dilema. A morte, ele diz então, é uma coisa terrível.

Sim, mas morrer, e não saber para onde ir;  
Deixado em total desamparo, apodrecer;  
Sentir esse cálido movimento se transformar em  
Um monte de terra amassada; e deleitar o espírito  
Ao banhar-se em torrentes impetuosas ou morar  
Em trêmulas regiões de grossas camadas de gelo;  
Ser aprisionado por ventos invisíveis,  
E arrastado violentamente, suspenso,  
Ao redor do mundo; ou ser o pior dos piores

Entre os falsos e os que duvidam.  
 Imagine uivar – é terrível demais.  
 O pior e o mais adverso tipo de vida  
 Que idade, dor, penúria e prisão  
 Possa nos impingir é um paraíso  
 Para aqueles que temem a morte.<sup>7</sup>

O consolo é apenas aparente; a realidade amarga ainda está presente.

Retornando à época atual, a Primeira Guerra Mundial resultou em uma grande quantidade de mortes e levou as pessoas a refletirem sobre o seu significado. Alguns historiadores têm sugerido que a crença no inferno, já combatida pelos teólogos no século 19, foi uma das maiores baixas da Grande Guerra. O inferno na terra já era tão grande que as pessoas não podiam crer que Deus seria capaz de criar um lugar assim no mundo vindouro. Mas isso não significa que as pessoas acreditassem no universalismo cristão, no céu cristão ou na ressurreição para todos, ou ao menos para a maioria. Ao contrário, muitos adotaram uma postura completamente diferente, já esboçada por Shelley em seu célebre poema a Keats:

Paz, paz! Ele não está morto, nem dorme –  
 Ele despertou do sonho da vida –  
 Somos nós que, perdidos em visões tempestuosas, defendemos  
 Com fantasmas uma contenda inútil...

Ele se fez um com a Natureza: ali é ouvida  
 Sua voz nos diferentes sons, do gemido  
 Do trovão, à doce canção do pássaro da noite;  
 Ele é a presença a ser sentida e conhecida  
 Na escuridão e na luz, na erva e na pedra,  
 Espalhando-se por onde quer que esse Poder se mova  
 E que tem retirado de seu próprio ser...

Ele é uma porção da beleza  
 Que cada vez se faz mais bela; ele faz a  
 Sua parte, enquanto seu Espírito se move rapidamente  
 Por esse estúpido e vagaroso mundo...

Sou carregado secretamente, temerosamente, para longe  
 Enquanto o véu interior do céu é rompido de lado a lado.

A alma de Adonias, como uma estrela,  
Brilha na morada do Eterno.<sup>8</sup>

O ateu Shelley sabia perfeitamente que essa visão neoplatônica da transformação da alma em parte da beleza do universo estava bem longe da crença cristã tradicional. O mais irônico é que muitos expressem sentimentos semelhantes, imaginando que sejam cristãos e esperando que sejam lidos em voz alta durante os funerais cristãos. Voltarei a esse assunto mais adiante. Essa mesma opinião pode ser vista em Rupert Brooke, ao se dirigir aos seus amigos em 1914:

Quando eu morrer, pense apenas nisso sobre mim:  
Que há um lugar em um campo distante  
Que será sempre Inglaterra. Haverá  
Nessa terra rica uma poeira oculta, ainda mais rica;  
Uma poeira que a Inglaterra abrigou, moldou, conscientizou,  
Deu, certa vez, flores para amar, caminhos para percorrer,  
Um corpo da Inglaterra, respirando ar inglês,  
Lavado pelos rios, abençoado pelo sol do lar.

Pense então, que nesse coração, livre de todo o mal,  
Pulsa uma eterna lembrança, nada menos,  
Que traz de algum lugar o espírito inglês,  
Suas paisagens e sons; sonhos felizes como naquele dia;  
E risos, que aprendi com os amigos; e cortesia,  
E corações em paz, sob um céu inglês.<sup>9</sup>

Esse céu pode ser inglês, mas certamente não é o céu da tradição cristã ou do Novo Testamento. Imagens semelhantes a essa são comuns em escritores como George Eliot, que fala do “morto imortal que volta a viver/ na memória que se torna melhor por sua presença”.<sup>10</sup>

A maior manifestação de pesar anterior à tristeza pela morte da princesa Diana foi o funeral do Soldado Desconhecido, em novembro de 1920. Nessa ocasião, milhões de pessoas que perderam seus familiares e não puderam sepultá-los, tiveram a chance de chorar por eles, como se esse desconhecido fosse na verdade seu próprio filho ou marido. Foram tantas mortes naqueles dias, seguidas de muitas outras mortes menos de uma geração depois, com a Segunda Guerra Mundial, que me fizeram pensar se a atitude britânica no século 20

em relação à morte não seria uma decorrência do fato de termos que lidar com tantas coisas. Fui criado em uma cultura que silenciava sobre a morte; as crianças que viveram nos anos 50 pouco ouviram falar sobre isso. Até os vinte anos eu nunca tinha ido a um funeral. Talvez essa tenha sido uma reação contra visíveis práticas vitorianas melodramáticas no leito de morte ou durante os funerais. Talvez os adultos quisessem proteger no silêncio do sepultamento seu próprio pesar, que poderia ser claramente exposto nas reações inocentes de uma criança.

Mas se a morte e a vida vindoura eram temas proibidos nos anos 50, hoje a situação é bem diferente. Há uma grande quantidade de filmes, peças e romances que tem explorado esse tema de vários ângulos. Películas como *Quatro Casamentos e um Funeral* refletem o interesse ou até mesmo a fascinação da nova geração pelas questões ligadas à morte. O público mais sombrio sente prazer na morte, não somente na violência projetada nas telas, mas também nos filmes *cult*, em que a morte é vista como o momento culminante. O niilismo gerado pelo secularismo tem feito com que muitos percam a razão para viver, trazendo a morte de volta ao ambiente cultural. A peça mais notável que vi em Londres foi escrita pela ganhadora do prêmio Pulitzer, Margaret Edson, uma professora de Atlanta, no Estado da Geórgia.<sup>11</sup> A heroína, Vivian Bearing, é uma famosa estudiosa dos *Sonetos Sagrados* de John Donne, e a trama inteira se passa na ala de tratamento de câncer de um hospital, onde ela está morrendo. Ali, no leito de morte, ela reflete sobre o grande soneto de John Donne, *Que a Morte Não se Orgulhe*, que examinaremos mais adiante. A peça fez mais sucesso em Nova York que em Londres; talvez a Inglaterra ainda não esteja totalmente preparada para enfrentar uma visão da morte na meia-idade como nossos parentes nos Estados Unidos. Porém, não há como escapar desse assunto. Enquanto eu preparava os textos para esse livro, o colunista John Diamond ganhava fama em todo o país pela maneira estoica e sutil com que descreveu seu câncer de garganta, em estágio terminal, e pelo seu ateísmo convicto, recusando qualquer consolo que incluísse algum tipo de salvação além-túmulo. Ele faleceu pouco tempo depois, mas a quantidade de cartas enviadas para sua coluna

revela o grande interesse que o tema da morte, e o que pode ou não vir depois, tem despertado no mundo inteiro.

Aonde tudo isso pode nos levar? Ruth Gledhill, correspondente de assuntos religiosos do *The Times*, publicou um artigo argumentando que havia um abismo entre as religiões tradicionais e a “mágica” de várias filosofias da Nova Era, com suas seitas e superstições. Um leitor refutou o artigo afirmando que, para aqueles que observam de fora, as igrejas é que pareciam propensas a crer em mágica. “Para os não cristãos”, ele escreveu, “muitos cristãos aparentemente creem em um cadáver reanimado”. “Se isso não é mágica” ele disse, “então não sei o que é”.

Bem, é ou não é? Em que as pessoas *de fato* acreditam quando falam sobre a Páscoa? Como isso está relacionado ao nosso Credo, quando afirmamos crer na ressurreição do corpo? O que isso significava para os primeiros cristãos, e o que poderia significar hoje? O que esperamos para depois da morte? Como as pessoas responderiam a essa pergunta se fizéssemos uma pesquisa de opinião nas ruas de nossa cidade? Considerando que uma boa teologia nunca é aquela aceita pela maioria, o que a Bíblia tem para nos dizer sobre esse assunto? O que Jesus e os apóstolos dizem?

## VARIEDADE DE CRENÇAS

É possível encontrar, nas condições atuais, três tipos de crenças, nenhuma delas correspondendo à ortodoxia cristã. Às vezes, vemos algumas tentativas de reafirmar uma visão mais tradicional, como, por exemplo, o misterioso, porém surpreendente, personagem *Pincher Martin*, de William Golding. Entretanto, a impressão geral é de que as crenças tradicionais sobre juízo, inferno e ressurreição são ofensivas à sensibilidade moderna.<sup>12</sup>

Alguns creem na aniquilação completa; isso pelo menos é algo definitivo, por mais insatisfatório que esse destino possa parecer à humanidade. E presumivelmente, é o que está nas entrelinhas da explosão de raiva de Dylan Thomas na morte de seu pai:

Não vá gentilmente para essa boa noite.

Não permita que apaguem a luz.<sup>13</sup>

No entanto, nem todos aceitam a negação completa de qualquer vida futura. Basta dar uma olhada na seção de livros “religiosos” das livrarias para perceber que mais e mais pessoas hoje parecem crer em alguma forma de reencarnação. Esse tipo de crença não está restrita apenas a hindus praticantes ou àqueles que se dizem cristãos, mas são pouco convictos, como Glenn Hoddle. No horrível, porém fascinante romance de Will Self, *How the Dead Live*, a personagem central é uma mulher londrina mal-humorada, falecida recentemente, vagando agora em uma Londres habitada por fantasmas. Ela então descobre que está condenada ao ciclo habitual de reencarnações, a menos que consiga entender aquilo que seu guia no mundo subterrâneo chama de “os ganchos e os olhos da graça”. Ao que parece, essa seria a única maneira que lhe permitiria escapar do ciclo contínuo de vida e morte:

Você tem ainda uma última chance de escapar desse ciclo... ainda dá tempo de prendê-la aos ganchos e aos olhos da graça. Se você quiser, é claro. É só você concentrar seu pensamento — ainda que por alguns instantes — nisso.<sup>14</sup>

Mas ela não consegue, e assim, nasce de novo – como um bebê infeliz, destinado a uma vida curta e brutal. Will Self parece imaginar um tipo de hinduísmo em que o esforço para concentrar o pensamento, ainda que por pouco tempo, substituindo a mente ou a alma perambulante e distraída, é a chave para escapar do ciclo contínuo de morte e nascimento. Para muitos outros, novamente a julgar pela literatura disponível, a reencarnação tem sido uma nova maneira de se praticar a psicanálise e descobrir aspectos da personalidade decorrentes de vidas passadas. Isso tudo se encaixa no contexto mais amplo da Nova Era, numa mistura de diferentes crenças esotéricas com ilusões de autoajuda e autorrealização.

Ainda dentro do conceito da Nova Era, encontramos um renascimento das visões que descobrimos em Shelley, um tipo popular de religião natural, com elementos do budismo, em que com a morte,

a pessoa é absorvida na amplidão do mundo, no vento e nas árvores. O poema anônimo deixado por um soldado a caminho da Irlanda do Norte, no caso de sua morte, expressa bem isso:

Não chore diante do meu túmulo.  
Eu não estou ali. Não estou dormindo.  
Sou mil ventos que sopram,  
Sou o brilho do diamante sobre a neve.  
Sou a luz do sol sobre o grão colhido,  
Sou a suave chuva de outono...  
Não chore diante do meu túmulo.  
Eu não estou ali. Eu não morri.<sup>15</sup>

Logo depois da morte da princesa Diana, alguém deixou uma mensagem como se fosse a própria princesa: “Não os deixarei de modo algum. Eu ainda estou com vocês. Estou no sol e no vento. Estou até mesmo na chuva. Eu não morri, estou com todos vocês”.<sup>16</sup> Muitos funerais, cultos em memória ou mesmo epitáfios atualmente refletem esse tipo de crença. Muitos pseudocristãos tentam persuadir a si mesmos e a outros que esse ciclo contínuo de reencarnações corresponde, de fato, ao ensino tradicional sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos. Já outros, como o conhecido escritor de literatura infantil Philip Pullman, afirmam claramente que estão atacando e destruindo a crença cristã tradicional e oferecendo algo melhor em seu lugar.<sup>17</sup>

Inesperadamente, o livro de Nick Hornby, *Fever Pitch* nos oferece um exemplo claro e nitidamente delineado, a partir de uma narrativa apaixonante e divertida de seu caso de amor com o futebol, e de modo especial com a equipe do Arsenal. Ao se deparar com um torcedor morto, caído na rua, ele faz uma reflexão sobre morte e futebol. Não seria terrível, ele pensa, morrer no meio do campeonato sem saber como ele vai terminar? Veja o que ele diz:

Talvez eu morra na véspera da estreia do nosso time em Wembley, ou no dia seguinte da partida para a Copa da Europa, ou no meio de uma campanha vitoriosa ou de uma disputa para evitar o rebaixamento. Se isso acontecer, há inúmeras possibilidades, de acordo com várias teorias sobre a vida após a morte, de não conseguir saber o

resultado final. O problema em relação à morte, metaforicamente falando, é que ela quase sempre acontece antes que os principais troféus tenham sido conquistados.<sup>18</sup>

Isso, para ele, é altamente insatisfatório, e o leva a especular sobre as possibilidades de vida após a morte nas quais (é claro) o futebol ainda desempenha um papel central. A cremação aparece como uma possibilidade:

Eu ficaria feliz, imagino, se pudesse ter minhas cinzas espalhadas sobre o gramado de Highbury (embora eu compreenda que deva haver restrições: viúvas demais procurariam o clube, e além disso o terreno poderia não responder favoravelmente ao receber o conteúdo de uma urna atrás da outra)... Certamente eu preferiria ser aspergido sobre a arquibancada leste do estádio do que sobre o Atlântico ou ser levado para o alto de alguma montanha.

Quem sabe esse não poderia ser um jeito diferente de “sobreviver”, ele medita:

Seria ótimo se eu pudesse ficar dentro do estádio. Poderia assistir o time principal jogar aos sábados e o reserva no dia seguinte. Gostaria de saber que meus filhos e netos serão torcedores do Arsenal e que eu poderia assistir aos jogos com eles. Não parece uma maneira ruim de passar a eternidade... flutuando em torno do estádio de Highbury como um fantasma, assistindo aos jogos de um local privilegiado, para sempre.<sup>19</sup>

Vemos aqui a confusão geralmente aceita sobre a vida após a morte, exposta, por assim dizer, na obsessão por uma área particular da vida (na descrição do próprio Hornby).

O surgimento ou reaparecimento de algumas práticas funerárias em nossos dias revela esse mesmo tipo de confusão. O costume de colocar objetos dentro do caixão com o propósito de servir de consolo ao morto na vida futura era visto até pouco tempo atrás como uma prática interessante, mas deixada de lado no moderno mundo ocidental. Entretanto, a moda está voltando, com fotografias, joias, ursinhos de pelúcia e coisas semelhantes sendo colocados nos caixões.<sup>20</sup> Nigel Barley relata algumas histórias, contadas por funcionários de um crematório, de viúvas colocando no caixão um pacote de bolachas

digestivas, ou os óculos e a dentadura do falecido. Certa ocasião, uma viúva colocou no caixão de seu marido duas latas de *spray* para cabelo, que ele costumava usar para fixar o topete. O calor fez com que as latas explodissem, entortando a porta da fornalha.<sup>21</sup> Que tipo de crença está por trás dessas atitudes?

Por fim, nas camadas populares, a crença em fantasmas e a possibilidade de contato com os mortos têm resistido longamente aos ataques da secularização. Na época em que apresentei uma série de palestras sobre esse assunto na abadia de Westminster, o mesmo informativo semanal que anunciava as palestras anunciava também que um dos fantasmas reconhecidos pela abadia desde o século 17, poderia fazer sua aparição anual quase que na mesma época. Paralelamente, há vários outros fenômenos populares acontecendo nos dois lados do Atlântico, como o culto a Elvis, nos Estados Unidos, com características próprias.

Meus leitores certamente não terão dificuldade em reconhecer tudo que descrevi até aqui. Não pretendo apresentar uma descrição detalhada das diferentes crenças, mas apenas destacar algumas características, chamando a atenção para o fato de que todas são bem diferentes do que podemos considerar como a crença cristã ortodoxa. Posso afirmar, pelo que pude observar, que *a maioria das pessoas simplesmente não conhece a crença cristã ortodoxa*. Presume-se que os cristãos acreditam na vida após a morte, opondo-se à negação de qualquer forma de “sobrevivência”, e que toda e qualquer espécie de “vida após a morte” deve então ser praticamente o mesmo tipo (cristão) de coisa. A ideia de que a “vida após a morte” pode ter diferentes conotações, incluindo crenças significativamente diferentes sobre Deus e o mundo e influenciando decisivamente no modo como as pessoas vivem no presente, simplesmente não passa pela cabeça da maioria das pessoas no Ocidente moderno. Particularmente, essas pessoas têm pouca ou quase nenhuma ideia sobre o verdadeiro significado da palavra “ressurreição”, nem sabem por que os cristãos dizem que creem nela.

O mais preocupante é que isso acontece também dentro das igrejas. Este é o assunto do próximo capítulo.